

PRODUÇÕES DE SENTIDOS: MOVIMENTOS DECOLONIAIS NA VIVÊNCIA DO PROGRAMA INSTITUCIONALIZADO DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA

FERREIRA, Waldinéia Antunes de Alcântara¹
CHUE, Saturnina Urupe²

Resumo - Este artigo tem como objetivo apresentar parte dos resultados alcançados pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), desenvolvido junto à Faculdade Indígena Intercultural, campus de Barra do Bugres-MT, especificamente, por parte de um dos subprojetos do curso de Licenciatura em Pedagogia Intercultural. Identificamos que as proposições didático-metodológicas se inserem dentro das pedagogias indígenas, pois têm como premissa a interculturalidade crítica e a decolonialidade. Assim, o objetivo foi de produzir práticas educativas de interesse dos povos indígenas e, em se tratando do povo Chiquitano, buscou-se a continuidade da prática de uma educação escolar indígena diferenciada, aproximando diferentes saberes, com a produção de textos significativos à comunidade, bem como, o registro de parte do léxico na língua originária.

Palavras-chave: Povo Chiquitano; PIBID; Decolonialidade.

Introdução

A Faculdade Indígena Intercultural acolhe o curso de Licenciatura em Pedagogia, desde 2012. A primeira turma (2012), assim, como a segunda, que teve início em 2016, atendeu ao chamado do edital do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). No entanto, a primeira turma foi atendida em 100%, ou seja, todos os acadêmicos e acadêmicas eram bolsistas, de forma que as aproximações curriculares se apresentavam de maneira totalmente imbricadas com o curso como um todo. A partir da chamada da Capes, que envolveu a segunda turma do curso de Pedagogia, a participação de bolsistas ficou bem mais restrita, uma vez que o país já estava vivendo cortes e desmontes na Educação Pública.

Os editais anteriores a 2018, dos quais participamos, denominavam-se de PIBID-Diversidade e atendiam, especificamente, cursos interculturais e educação do campo, que incluíam, quilombolas, extrativistas e ribeirinhos. O Edital nº 7/2018 não fez distinção entre as diversidades, colocando o atendimento sem nenhuma diferenciação, pois não levou em conta

¹ Doutora em Educação. Professora efetiva da Universidade do Estado de Mato Grosso - Curso Pedagogia - Campus Juara; Coordenadora do Curso de Pedagogia Intercultural da Faculdade Indígena Intercultural - Campus Barra do Bugres; Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU), Campus de Cáceres; Professora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado Profissional em Contexto Indígena Intercultural. E-mail: waldineiaferreira@hotmail.com . Orcid <http://orcid.org/0000-0001-5949-7590>.

as peculiaridades estruturais e de atendimento logístico. Essa medida não se dá de forma separada de todo o contexto do país, mas faz parte de um movimento de desmonte que atinge, sobremaneira, as diversidades. Os editais de PIBID-Diversidade eram uma ação conjunta da CAPES/SECADI-MEC, porém, houve a extinção da então Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI), resultado das ações governamentais, cujas medidas enfraquecem a promoção da equidade e da inclusão dos grupos minoritários dentro das políticas afirmativas/diferenciadas.

Enfim, ressaltamos que este Programa, ainda que tenha sofrido sérias reorganizações, afetou de maneira geral os estudantes como um todo, principalmente, estudantes indígenas, uma vez que estes, há muito pouco, tem tido acesso à educação superior e, também, ao protagonismo da gestão de suas próprias escolas.

No edital de 2018, a Faculdade Indígena Intercultural-FAINDI apresentou quatro propostas com foco na etnomatemática, numeramento e etnomatemática, línguas originárias, leitura, escrita e etnociência.

Neste texto, faremos uma abordagem apenas do subprojeto leitura, escrita e etnociência, com o objetivo de atender o campo da leitura, da escrita e da etnociência, em diálogo com os conhecimentos da ciência universal. Buscamos, ainda, compreender como se dá a articulação existente entre o PIBID e os componentes curriculares do curso de Pedagogia Intercultural, especialmente, no que se refere aos temas fundamentais em ciências, no contexto indígena e questões ligadas às línguas originárias.

Este subprojeto apresenta-se dentro de uma estrutura pedagógica com recursos humanos, assim, é formado por 01 coordenador geral, 01 coordenador de área, 03 supervisores e 24 bolsistas, que são os graduandos em Pedagogia Intercultural. Participam como bolsistas PIBID, neste subprojeto, estudantes das etnias Bororo, Kayabi/Kawaiwete, Nambikwara, Manoki, Kurâ-Bakairi, Apiaká, Chiquitano e Rikbaktsa.

O foco deste artigo são as práticas educativas realizadas junto ao povo Chiquitano, no que se refere ao uso da oralidade, da escrita e da leitura dentro de um universo que é cultural e intercultural, por meio da língua portuguesa e língua originária.

Contextualizando...

Nesta parte textual, centraremos nossos objetivos em discutir acerca de trabalhos que envolvem a língua originária do povo Chiquitano. Antes, porém, é preciso dizer que o Brasil é

um país com grande diversidade sociocultural e linguística. De acordo com Rodrigues (2006), são 180 línguas e, entre essas línguas, encontra-se a língua chiquitano que, além de estar presente em terras brasileiras, encontra-se, também, na Bolívia, país vizinho que fica a oeste do Brasil.

Os Chiquitano encontram-se na fronteira Brasil-Bolívia e, conforme a história, viviam na região do Gran Chaco. Semelhante aos demais povos indígenas, sempre tiveram formas de subsistência e práticas culturais próprias. Entretanto, em meados do séc. XVI, os colonizadores espanhóis invadiram as terras culturais do povo Chiquitano, obrigando-os a fugirem para outros locais, pois, se assim não fizessem, eram capturados pelos caçadores de índios e levados para serem escravos. Para civilizar ou amansar os Chiquitano, criaram-se as missões, inclusive, espalhada por toda a América. Estas, muitas vezes, eram coordenadas pela Companhia de Jesus, cujos jesuítas eram os responsáveis pelo amansamento. Os Chiquitano da Bolívia trabalharam nas fazendas e também serviram na Guerra do Chaco (1932-1935), trabalharam em seringais e construção de ferrovias e, em 1959, com a Reforma Agrária boliviana, foram libertados. Os Chiquitano que estavam do lado brasileiro continuavam em regime de servidão nas fazendas e, com isso, ficaram de fora da política brasileira, somente sendo reconhecidos, nacionalmente, quando foram mencionados nos estudos de impacto ambiental, iniciados no final de 1998, com a construção do gasoduto Brasil-Bolívia (SANTANA e CINTRA, 2009).

O reconhecimento do povo Chiquitano no Brasil, em terras mato-grossenses e, dentro da política brasileira, é um feito muito recente. Entretanto, a historiografia do estado de Mato Grosso o traz desde a fundação de Cáceres, em 1778, antes denominada de Vila Maria do Paraguai.

Os impactos causados na cultura indígena, após o contato com os não indígenas, deixaram fortes marcas de abafamento, adormecimento e, até mesmo, esquecimento das práticas culturais dos povos indígenas, principalmente, da língua. E é, por isso, que é importante que os Chiquitano desenvolvam ações de revitalização e de visibilidade para serem reconhecidos, também, como indígenas por outros povos. São ações para reconhecimento da história do povo, para o direito à voz e ao fortalecimento étnico.

No Brasil, os Chiquitano habitam as regiões de Cáceres, Porto Esperidião, Pontes e Lacerda e Vila Bela da Santíssima Trindade. Segundo Moreira da Costa (2006), existem trinta e uma 31 comunidades Chiquitano no Brasil, na fronteira com a Bolívia, cuja estimativa é de 2500 indivíduos, distribuídos em várias regiões.

Em Mato Grosso, atualmente, duas Terras Indígenas estão com os primeiros passos encaminhados no processo de reconhecimento e demarcação, a Terra Indígena Portal do Encantado, nos municípios de Porto Esperidião e Vila Bela da Santíssima Trindade, e a Terra Indígena Chiquitano Vila Nova Barbecho, em Porto Esperidião. A aldeia Vila Nova Barbecho, *locus* deste trabalho, tem aproximadamente 100 pessoas e se localiza a 110 km da sede do município de Porto Esperidião e a 460 km de Cuiabá, capital do Estado.

Conforme Garcia (2010), os Chiquitano estão nos dois países e, apesar das diferenças existentes entre os Chiquitano da Bolívia e Chiquitano do Brasil, os grupos possuem falantes da mesma língua e mantêm relações pessoais e de parentesco que transcendem a fronteira e a nacionalidade. Além da língua, “os Chiquitano da Bolívia e do Brasil compartilham elementos da história e da cultura, mesmo com a linha divisória da fronteira sofrendo constantes modificações através dos vários tratados e limites entre Brasil e Bolívia” (SANTANA e CINTRA, 2009, p. 93-94).

Os trabalhos realizados pela Escola Estadual Indígena Chiquitano José Turíbio, junto aos professores indígenas e também pelos/as acadêmicos/as Chiquitano, vêm ao encontro das necessidades do povo e da realidade vivida na comunidade Vila Nova Barbecho. Os estudos e as reflexões proporcionadas no desenvolvimento do projeto de PIBID somam-se à intenção da comunidade, em aprofundar os conhecimentos na pesquisa, nos registros, no reconhecimento, na divulgação e na prática do dia a dia. O objetivo é preparar educadores para desenvolvimento de práticas pedagógicas significativas e, também, possibilitar o desencadear de um processo de revitalização e fortalecimento da língua materna chiquitano.

A língua chiquitano é muito complexa e, por ficar por um tempo adormecida, poucos são falantes fluentes. Com isso, a atual geração, por meio dos trabalhos na escola, ações de acadêmicos e, também, por meio do PIBID, vem contribuindo para esta revitalização e fortalecimento. Atualmente, estamos trabalhando apenas palavras soltas, pequenas frases, nomes de animais, aves, peixes, cores e saudações.

Vale destacar que o que escrevemos anteriormente teve o intuito de mostrar ao leitor porque estamos nos esforçando nas práticas pedagógicas interculturais, interdisciplinares, no uso da língua portuguesa e, sobretudo, no uso da língua chiquitano.

As palavras aprendidas na língua originária são motivadoras para construção de textos na língua portuguesa, o reconhecimento das palavras, em nível morfológico, como aumentativo e diminutivo são mobilizadores da interdisciplinaridade, pois contempla ciências, cultura e tecnologias culturais.

O trabalho, em questão, foi desenvolvido seguindo passos. Os primeiros passos começaram na Faculdade Indígena Intercultural (FAINDI), pensando em temáticas a serem desenvolvidas e possíveis formas metodológicas. Posteriormente, deram-se a seleção e eleição do tema junto à comunidade escolar e a supervisora do PIBID.

O segundo passo foi a elaboração do planejamento para a execução do trabalho de aula-pesquisa, realizada junto à comunidade aldeia Vila Nova Barbecho. Fizemos levantamento de várias palavras conhecidas na língua chiquitano, dentro elas: *Supemakarch* (panela de barro), *Vaiütsirch* (pote de barro), *Tavarch* (mandioca) *Paturikia* (borboletas) *Putsioka* (flores). Essas palavras foram selecionadas pelos alunos para produzirem textos, sob a orientação da bolsista PIBID que acompanhou e mediou a produção da escrita em língua portuguesa. A produção da escrita das palavras na língua chiquitano contou com a ajuda da anciã Clemência Muquissai Soares, uma das últimas falantes da língua e pela própria supervisora Saturnina Urupe Chue, com utilização do caderno de pesquisa/levantamento do léxico da língua, realizada em anos anteriores. Aqui, nossas reflexões serão feitas a partir da prática educativa de dois artefatos de cerâmica que fazem parte da memória coletiva do povo Chiquitano.

O terceiro passo foi a exequibilidade da aula e a produção de narrativas, momento em que observamos que as narrativas escritas apontavam aspectos da cultura e da identidade. O texto sobre a *Supemakarch* e o *Vaiütsirch* abordaram que a confecção de ambos está ligada à cosmologia do povo Chiquitano, pois a cerâmica é uma atividade ancestral deste povo. A *Supemakarch* serve para cozinhar alimentos, enquanto o *Vaiütsirch* é utilizado para colocar água e chicha (bebida que pode ser fermentada ou não, pode ser feita de milho, raízes e tubérculos), um utensílio considerado muito importante na cultura. Antigamente, eram muito utilizados pelos Chiquitano como urna funerária. A partir da pesquisa realizada e informações colhidas sobre tais elementos, o texto foi sendo escrito pelos alunos, depois reescrito em língua portuguesa, acompanhado de diálogos sobre a cultura do povo Chiquitano. Também foram produzidos desenhos e diálogos de histórias contadas pelos anciãos sobre urnas que já foram encontradas no território, o que faz com que se tenha comprovações de que esse território pertence ao povo Chiquitano. Nos dias atuais, ainda são encontrados restos de cerâmica, de potes e de panelas de barro que foram feitas pelo povo Chiquitano, porém,

[...] por falta de território demarcado não temos a matéria prima que é o barro para fazer esses artefatos e assim fica cada vez mais escasso o uso desses objetos que são de muita importância na vida do nosso povo. Tememos que esses recursos desapareçam pois cada vez mais os desmatamentos vêm ocorrendo e principalmente onde esses recursos são encontrados ficam próximos a fazendas de posseiros

dificultando nosso acesso a esses materiais para fabricação dos artefatos. (Bolsista PIBID Suzilene Urupe Chue)

Durante todo o processo de produção de texto, cada palavra recebeu tratamento cultural e pedagógico e, no caso dos termos *Supemakarch* e *Vaiütsirch*, houve muita curiosidade por parte dos alunos, em buscar saber sobre a história destes artefatos. Essa busca se deu, então, pela pesquisa e pelo diálogo empreendidos coletivamente.

O trabalho foi realizado com uma turma de 09 crianças do ensino fundamental dos anos iniciais, que foram orientados na pronúncia (fonética) e na escrita das palavras, tanto na língua originária quanto na língua portuguesa. Os desenhos das cerâmicas evidenciavam traços próprios do povo Chiquitano. Além disso, ao desenharem a panela de barro, aprenderam que *supemakarch* é forma escrita no aumentativo e que *supemakama* no diminutivo (Fig.1).

Fig. 1 *supemakarch* e *supemakama*



Fonte: Leiliane Chue Muquissai

O mesmo processo se deu com o pote *vaiütsirch* no aumentativo, e *vaiütsuma* (Fig.2) no diminutivo.

Fig.2 *vaiütsirch* e *vaiütsuma*



Fonte: Jaqueline Araújo Urupe

Aprender a escrita e a pronúncia, bem como, os graus de substantivos, não se dá de forma isolada, mas contextualizada. Com estudos dos traços da cultura, as pinturas nos artefatos foram denominadas pinturas do pote. Essas mesmas pinturas são usadas nas pinturas corporais de homens e mulheres Chiquitano, em diferentes momentos, como nas festas rituais, comemorações e nos movimentos indígenas.

Consideramos essas questões como formas pedagógicas decoloniais revestidas de etnopolítica, porque diz do próprio povo, em estado de reflexão e de memória. Assim, essas palavras comportam-se como temas complexos, como estratégias pedagógicas que, de acordo com Ferreira, Cruz e Zitkoski (2019), assumem o lugar político pela memória ancestral de maneira que, pela identidade, constitui o *corpus* cultural do povo, neste caso, do povo Chiquitano.

A aula se fez pela interdisciplinaridade, pois recebeu a abordagem da arte, da cultura e da tecnologia indígena, pela aprendizagem de como produzir materiais ceramistas. Para as crianças relatou-se como são feitos os artefatos.

A anciã explicou que para fazer o pote de barro, o primeiro aspecto a se considerar é o período da lua. Estando no período considerado da lua boa, faz-se, então, a retirada do barro, seguindo os rituais cosmológicos que é toda uma conversa com o espírito do dono do barro. O espírito do barro é uma senhora de idade, chamada *Pokopósima*, a vovozinha, um ser invisível aos olhos humanos, porém, de grande respeito e consideração, pois depende dela para conseguir tanto o barro certo para fazer o pote e a panela, quanto para eles saírem bons e sadios, sem rachaduras.

A anciã alertou que se os Chiquitano não seguirem o ritual que é feito, corre o risco de não encontrar o barro certo, pois a *Pokopósima* o esconde e, mesmo que o encontre, os artefatos quebram ou ficam cheios de rachaduras, não sendo possível serem utilizados.

Ela explicou que seguindo o ritual, retira-se o barro e, em seguida, amassa em pequenas quantidades com as mãos. Depois de tudo amassado, começa o processo da modelagem dos artefatos a serem confeccionados. Primeiro, faz a base que é o assento em forma circular, em seguida, vai fazendo as chamadas “tripas”, termo que é utilizado pelos anciãos para o barro que é modelado em cima de uma tábua grande, em forma de um cordão que vai sendo grudado na base para levantar o corpo do artefato. A quantidade das tripas varia de acordo com o tamanho do pote ou da panela. Durante a confecção do artefato, vai grudando, passando sabugo de milho sapecado e folha de goiaba para deixar mais bem feito o acabamento. Depois de pronto, deixa

secar por três dias, depois é hora de alisá-lo com uma pedra redonda, específica para isso. Depois de alisada, espera secar por seis ou oito dias, enquanto isso, já prepara a lenha para fazer a fogueira onde ele será assado. A lenha mais utilizada é a pau-terra, pois é uma madeira que deixa o pote e a panela com a cor mais bonita. Para assar o pote e a panela de barro, faz a caieira de lenha em cima, depois põe fogo. É bom evitar lugar onde pega muito vento, pois pode prejudicar a cor do artefato. Depois de assado, retira do fogo e, no outro dia, lava o artefato com água. Em seguida, é só fazer o uso para a finalidade que foi feito. Esses ensinamentos foram transmitidos pela senhora Elena Laura Chue, artesã Chiquitano da Aldeia Vila Nova Barbecho.

Na aldeia Vila Nova Barbecho, existem três senhoras artesãs que ensinam a fazer esses artefatos, porém, o local onde se encontra a argila fica próximo à sede das fazendas, o que dificulta, cada vez mais, o acesso a essa matéria-prima. Em alguns momentos, conseguimos fazer essa atividade na escola com os alunos, mas em uma quantidade reduzida, pois enfrentamos uma grande burocracia para ser autorizada a coleta da argila. Isso é um grande motivo de tristeza para o povo Chiquitano, pois o Território ainda não foi demarcado.

Neste trabalho, o diálogo acerca da demarcação da terra indígena foi muito importante, pois o território é um lugar sagrado, onde há presença dos ancestrais, do espírito do barro e da matéria-prima.

O contexto desta vivência pedagógica e/ou desta prática educativa está sendo interpretada como uma ferramenta de uma pedagogia decolonial e/ou de uma pedagogia chiquitano, aliada a uma aprendizagem problematizadora, na qual as questões do povo emergem, a partir de palavras, que não são apenas palavras, mas inserções culturais que têm grande relevância e originalidade. Ainda apresenta potencial intercultural dentro da interculturalidade crítica, por ser mecanismo reflexivo de mobilizações e de reconhecimento de direitos. De outra forma, uma educação escolar ressignificada com perspectiva de justiça cultural. A panela de barro significa o elemento milenar de produção alimentar, enquanto o pote é valorizado como o objeto que carrega a água e a chicha usada em diferentes rituais sagrados e em festas. Por fim, a ancestralidade faz-se presente no território pela existência dos potes como urnas funerárias.

Temos um contexto decolonial e decolonizante, porque evidencia na simplicidade a vida do povo Chiquitano, os conflitos passados e presentes, as conquistas e as perdas e, acima de tudo, a necessidade de uma educação própria em busca da compreensão e da aquisição de direitos, de território. Em simplicidade e com uma oralidade própria, evidenciou-se a existência

de “interesses das elites coloniais em manter o controle e a concentração do poder econômico-político capitalista (FLEURI, 2014, p.97). Neste caso, um poder das terras, retirando e invadindo o território do povo Chiquitano.

De outra forma, podemos dizer que se trata de uma ação emancipatória, pois todas as ‘educações’, incluindo a educação escolar, torna-se elemento chave que se articula com os princípios, dores e interesses da comunidade Chiquitano. Legitima-se como uma educação que se transforma e que vai na contramão da educação bancária, pois, nesta, as pessoas/estudantes/professores/as e comunidade enfrentam a opressão, reconhecendo e reafirmando-a pelas práticas educativas a necessidade de combater a colonização de mentes (FREIRE, 2015).

Nesse sentido, pela educação emancipatória, que é decolonial, que não se conforma com as explorações humanas, que vai contra a negação de direitos, reafirmamo-na decolonizante, portanto, uma pedagogia indígena.

Considerações Finais

Ao analisar e vivenciar esta realidade no dia a dia do povo Chiquitano, percebe-se a importância de se fazer registros e produzir materiais na língua materna chiquitano da aldeia Vila Nova Barbecho, local onde foram desenvolvidos os trabalhos do PIBID. Sabemos que isso servirá para ser trabalhado, não apenas agora, mas, também, futuramente. Essas ações são extremamente importantes, pois o povo Chiquitano encontra-se na luta pela demarcação da terra e, a todo instante, é preciso fortalecer ainda mais a autoafirmação de suas identidades étnicas, bem como, as práticas da cultura para poder ter os direitos reconhecidos e respeitados. Esta pesquisa/estudo contou com a participação dos anciões, dos jovens, de professores/as e das crianças da aldeia.

Por meio do PIBID e outras ações que já desenvolvemos na comunidade, percebemos a grande necessidade desse estudo para o registro e fortalecimento da língua materna chiquitano. Foi um grande desafio realizar este trabalho, pois para muitas pessoas pode ser simples, mas para o povo Chiquitano é o lembrar histórico, o trabalho com a memória ancestral e coletiva do povo.

Compreendemos ser necessário a continuidade de práticas educativas-pedagógicas para que as crianças Chiquitano dialoguem em todos os espaços da aldeia, sobre sua própria vida e o direito de ser indígena. Sabemos que é necessário este reconhecimento por parte de outros,

mas também a autoafirmação do próprio povo, pois devido ao processo histórico e o sofrimento de muitos de nossos parentes Chiquitano, ainda permanece o medo de sofrer pressões, discriminação e preconceito. Por isso, precisam se calar ou até mesmo negar a própria identidade étnica.

É por isso que programas como o PIBID, o trabalho da FAINDI e os conhecimentos construídos pela escola indígena e do mundo acadêmico, nos proporcionam ferramentas para que possamos, ainda mais, lutar pelos nossos direitos constitucionais e territoriais, até então a nós negados. Além disso, traz a oportunidade de revitalizar e fortalecer muitas práticas culturais do povo que estão adormecidas. Por meio da escola e do trabalho dos professores, muitas destas práticas foram possíveis de serem revitalizadas, inclusive, a confecção de artesanatos e a língua materna chiquitano.

Este é um começo em continuidade.

PRODUCTION OF MEANINGS: DECOLONIAL MOVEMENTS IN THE EXPERIENCE OF THE INSTITUTIONALIZED PROGRAM OF INITIATION TO TEACHING

Abstract: This article aims to present part of the results achieved by PIBID (Institutional Program for Scholarships for Initiation in Teaching), developed with the Intercultural Indigenous College, campus of Barra do Bugres-MT, specifically, by one of the subprojects of the Intercultural Pedagogy Degree course. We identified that the didactic-methodological propositions fall within the indigenous pedagogies, as it is based on critical interculturality and decoloniality. Thus, the objective was to produce educational practices of interest to indigenous peoples and, in the case of the Chiquitano people, we sought to continue the practice of a differentiated indigenous school education, bringing together different knowledge, with the production of meaningful texts to the community, as well as the registration of part of the lexicon in the original language.

Keywords: Chiquitano People; PIBID; Decoloniality.

Referências

FERREIRA, W. A. A.; CRUZ, M. C.; ZITKOSKI, J.J. Mulheres Kawaiwete e Nambikwara: Guardiãs da língua materna. In: FERREIRA, W. A. A.; GRANDO, B. S.; PEREIRA, L. C. P.; CUNHA, T. (Orgs). **Mulheres e Identidades: Epistemologias do Sul: Mulheres, Territórios e Identidades**, vol. 3. Curitiba: CRV, 2019.

FLEURI, R. M. **Interculturalidade, identidade e decolonialidade:** desafios políticos e educacionais. Série-Estudos-Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB/Campo Grande, MS, n. 37, p. 89-106, jan./jun. 2014

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GARCIA, T. A. **No chão da escola é diferente? A educação Escolar Indígena de duas comunidades Chiquitano na fronteira Brasil/Bolívia.** Brasília: CEPPAC/UnB, 2010.

MOREIRA DA COSTA, J. E. F. **A coroa do mundo:** religião, território e territorialidade Chiquitano. Cuiabá - MT: Editora da Universidade Federal de Mato Grosso, 2006.

SANTANA, A.C.; CINTRA, E. M. D. **Estudos da língua Chiquitano do Brasil:** trajetória e perspectivas. Cuiabá: Edufmt, N° 17 p. 91-109, 2009 ISSN 0104-687x.

Recebido em 10/07/2020

Aprovado em 15/09/2020